Paulo de Tarso, Cristianismo ou Judaismo?

Savitri Devi

Paulo de Tarso, ou

Cristianismo e Judaísmo

Savitni Devi

Paulo de Tarso, ou Cristianismo e Judaísmo

Postado originalmente como

“Paul de Tarse, ou Christianisme et juiverie”

(Calcutá: Savitri Dévi Mukherji, 1958).

Edições Sun invictas

Terceira edição

Se há um fato que não pode deixar de surpreender quem estuda seriamente a história do Cristianismo, é a quase total ausência de documentos sobre o homem cujo nome leva a grande religião internacional, isto é, Jesus Cristo. Dele apenas sabemos o que nos é dito nos evangelhos do Novo Testamento, isto é, Praticamente nada; porque essas miscelâneas, embora extensas em suas descrições de eventos milagrosos relacionados a ele não fornecem nenhuma informação sobre sua pessoa e, em particular, sobre suas origens. Temos nos quatro evangelhos canônicos uma longa genealogia que remonta a José, marido da mãe de Jesus, até Adão! Mas pergunto-me sempre que interesse isto pode ter para nós, uma vez que também somos expressamente informados de que José não teve nada a ver com o nascimento da criança. Um grande números de evangelhos "apócrifos" -rejeitados pela Igreja- atribuem a paternidade de Jesus a um soldado romano distinguido pela sua bravura e por isso apelidado de "A Pantera". [1] este evangelho é citado por Heckel em um de seus estudos sobre o cristianismo primitivo. [2] Aceitar este ponto de vista, no entanto, não resolve completamente a importante questão das origens de Cristo, porque não nos diz quem foi Maria, sua mãe. Um dos quatro evangelhos canônicos nos contam que ela era filha de Joaquim e Ana quando Ana já havia passado pelo idade da maternidade;[3] Em outras palavras, ela mesma nasceu milagrosamente - ou simplesmente foi uma menina adotada por Ana e Joaquín na velhice- o que não esclarece as coisas.

Mas há algo muito mais intrigante. Eles descobriram recentemente registros de um importante mosteiro da seita essênia, localizado a apenas trinta quilômetros de Jerusalém. Esses registros tratam de um período que se estende desde o início do século primeiro antes de Jesus Cristo até a segunda metade do primeiro século depois dele. E sei refiro-me, setenta anos antes dele, de um grande Iniciado, ou de um Mestre Espiritual – o "Mestre da Justiça", cujo retorno é esperado um dia. Da extraordinária carreira de Jesus, de suas inúmeras curas milagrosas, de seus ensinamentos durante três anos inteiros em no meio do povo palestino, da sua entrada triunfal em Jerusalém, tão brilhantemente descrita nos evangelhos canônicos, de seu julgamento e crucificação (acompanhada, de acordo com os evangelhos canônico, por eventos tão impressionantes como um terremoto, o escurecimento do céu durante três horas à tarde e o véu do templo sendo rasgado em dois), não se diz nem uma única palavra nos pergaminhos desses ascetas, homens eminentemente religiosos, que tais eventos deveriam ter interessado. Parece que, de acordo com estes "Pergaminhos do Mar Morto" - Recomendo aos interessados neste assunto que leiam o estudo que foi publicado por John Allegro em inglês [4] - ou Jesus não produziu impressão nas mentes religiosas de seu tempo, tão ávidas de sabedoria e tão bem informados como os ascetas do mosteiro em questão, ou então... simplesmente não existiu em absoluto! Por mais preocupante que seja, essas descobertas precisam ser apresentadas ao público em todo o mundo, e em particular para o público cristão, após estas recentes descobertas.

No entanto, no que diz respeito à igreja cristã e ao cristianismo como um fenómeno história e o papel que desempenha no Ocidente e no mundo, a questão é muito menos importante do que parece. Porque embora Jesus tenha vivido e pregado, ele não é o verdadeiro fundador do Cristianismo, tal como o apresenta ao mundo. Se ele realmente viveu, Jesus era um homem "acima do tempo" [5] cujo reino - como ele mesmo disse a Pilatos, segundo o Evangelhos - "não é deste mundo", cuja atividade inteira, todo o seu ensino, tendia a mostrar àqueles a quem este mundo não satisfez um caminho espiritual pelo qual pudessem escapar e encontrar, no seu paraíso interior, neste "Reino de Deus" que está dentro de nós, o Deus "em espírito e em verdade" que eles procuravam sem o conhecer. Se ele viveu, Jesus nunca sonhou fundar uma organização temporária e, sobretudo, não uma organização política e financeira visto que a Igreja Cristã se converteu tão rapidamente. A política não o interessava. E, odiando riquezas, ele era um inimigo determinado de qualquer mistura de dinheiro nos negócios. Espiritual, que alguns cristãos viam, com ou sem razão, como um argumento que demonstrou que, contrariamente ao ensinamento de todas as Igrejas Cristãs (exceto aqueles que negam absolutamente a sua natureza humana) [6] , não tinha sangue judeu. Ele verdadeiro fundador do cristianismo histórico, do cristianismo que conhecemos na prática, como desempenhou e continua a desempenhar um papel na história do Ocidente e do mundo, não é Jesus, de quem nada sabemos, nem seu discípulo Pedro, que sabemos que foi um galileu e simples pescador, mas Paulo de Tarso, que sabemos ser judeu de sangue, formação e coração, e, o que é mais, um judeu educado e um "cidadão romano" como muitos intelectuais judeus hoje são franceses, alemães, russos ou americanos.

O Cristianismo Histórico, que não é de forma alguma uma obra "sobre o Tempo", mas uma obra "no Tempo", é a obra de Saulo, chamado Paulo, ou seja, a obra de um judeu, como O marxismo existiria dois mil anos depois. Vamos examinar a carreira de Pablo de Tarso.

Saulo, chamado Paulo, era judeu e, o que é mais, um judeu ortodoxo e erudito, um judeu imbuído da consciência da sua raça e do papel que o "povo eleito" deve realizar no mundo, de acordo com a promessa de Yahweh. Ele foi aluno de Gamaliel, um dos teólogos judeus mais

famosos de seu tempo, teólogo dos fariseus, precisamente essa escola que, segundo os evangelhos, o profeta Jesus, a quem a Igreja Cristã elevaria mais atrasado para o status de Deus, ele lutou violentamente por sua arrogância, sua hipocrisia, seu hábito de repartir o cabelo e colocar a letra da lei judaica antes de seu espírito, acima o que ele acreditava ser, pelo menos, o seu espírito; é dito que Saulo não havia tido, neste assunto, uma ideia diferente da sua. Além disso, e isto é muito importante, Saulo era judeu, educado e consciencioso, nascido e criado fora da Palestina, numa dessas cidades da Ásia Romano Menor que sucedeu a Ásia Menor Helenística, mantendo toda a sua características: Tarso, onde o grego era a "língua falada" de todos e onde o latim foi feito cada vez mais conhecido e onde se podiam encontrar representantes de todos os povos do mundo, Oriente Próximo, ou seja, ele já era um judeu "gueto", possuindo, além de uma profundo conhecimento de sua tradição israelita, uma compreensão do mundo de "Goyim" -não-judeus- que mais tarde seria inestimável para ele. Sem dúvida ele pensava, como todo bom judeu, que o "goy" (não judeu) só existe para ser dominado e explorado pelo "povo eleito", conhecia o mundo infinitamente melhor dos não-judeus do que os judeus da Palestina, no meio dos quais eles tinham surgido todos os primeiros fiéis da nova seita religiosa da qual estava destinado para formar o cristianismo como o vemos.

É dito nos "Atos dos Apóstolos" que Saulo foi inicialmente um feroz perseguidor da nova seita. Afinal, seus seguidores não desprezavam a lei judaica, no sentido estrito da palavra? Talvez o homem que reconheceram como seu líder e a quem disseram que ele havia ressuscitado dos mortos, este Jesus, que Saulo nunca tinha visto, ele não havia dado o exemplo da não observância do sábado, da negligência dos dias de jejum e outras transgressões altamente repreensíveis das regras de vida das quais um judeu nunca deveria sair. Foi até dito que um mistério, que não augura nada de bom, assoma sobre a história do seu nascimento; que pode não ter sido de origem judaica - quem sabe? Por que não perseguir tal seita, quando alguém é um judeu ortodoxo, aluno do grande Gamaliel? Ele tinha que proteger os observadores do Lei. Saulo, que já havia demonstrado seu zelo ao estar presente no apedrejamento de Estêvão, um dos primeiros pregadores da seita perigosa, continuou a defender a lei e a tradição contra aqueles que ela considerava hereges, até que finalmente entendeu que havia algo melhor - muito melhor- para fazer, precisamente do ponto de vista Judeu. Isto ele compreendeu no caminho para Damasco.

A história, tal como a igreja cristã deseja que seja contada, faz-nos acreditar que ela estava lá onde de repente teve uma visão de Jesus - a quem, repito, ele nunca tinha visto "em carne"- e que ele ouviu sua voz dizer: "Saulo, Saulo, por que você me persegue? uma voz à qual não consegui resistir. Além disso, ele foi cegado por uma luz ofuscante e foi jogado no chão. Transferido para Damasco, segundo este mesmo relato dos "Atos dos Apóstolos", Ele conheceu um dos fiéis da seita que ele havia ido combater, um homem que, depois de recuperar a visão, foi batizado e o recebeu na comunidade cristã.

É supérfluo dizer que esta história milagrosa só pode ser aceite como tal por aqueles que compartilham a fé cristã. Como todas essas histórias, não vale nada histórico. Aqueles que, sem ideias preconcebidas, procuram uma explicação plausível, convincente, natural, como as coisas aconteceram, eles não podem ficar satisfeitos com isso.

E a explicação, para ser plausível, deve levar em conta não apenas a transformação do Saulo em Paulo - do feroz defensor do Judaísmo ao fundador da igreja cristã como sabemos disso - mas também a natureza, o conteúdo e a direção da sua atividade depois de sua conversão; pela lógica interna de sua carreira, ou seja, pelo vínculo relação psicológica mais ou menos consciente entre o seu passado anticristão e a sua grande obra cristã. Cada conversão implica uma ligação

entre o passado do convertido e o resto da sua vida, uma razão profunda, isto é, uma aspiração permanente do convertido que satisfaça o ato de conversão; uma vontade, uma direção permanente de vida e ação, da qual o ato de conversão é a expressão e o instrumento.

Agora, com tudo o que sabemos sobre ele e principalmente sobre o percurso de sua carreira, só resta uma vontade profunda e fundamental, inseparável da personalidade de Paulo de Tarso em todas as etapas da sua vida, o que pode explicar o seu "caminho para Damasco", e isso é servir o antigo ideal judaico de domínio espiritual, complementando e coroando o de dominação económica. Saul, um judeu ortodoxo, um judeu consciencioso, que havia lutado contra a nova seita, presumindo que representava um perigo para a ortodoxia judaica, ele não poderia renunciar à sua ortodoxia e tornar-se a alma e o braço desta seita tão perigosa até que entendeu que, reelaborado por ele, transformado, adaptado às demandas do vasto mundo dos "goyim" - os "gentios" dos evangelhos-, interpretados, se necessário, de tal forma que dá, como diria Nietzsche mais tarde, “um novo sentido aos antigos mistérios”, poderia tornar-se durante séculos, se não para sempre, o mais poderoso instrumento de dominação espiritual de Israel; nos meios que cumpririam, da maneira mais segura e Em última análise, a “missão” do povo judeu de governar outros povos e subjugá-los moralmente, ao mesmo tempo que são explorados economicamente. E quanto mais completo quanto maior a subjugação moral, mais a exploração económica florescerá. Só esse prêmio merecia a pena de repudiar a rigidez da antiga e venerável lei ou, para falar em um idioma mais trivial, a súbita conversão de Saulo no caminho de Damasco só pode ser explicada de uma forma muito naturalmente se admitirmos que ele teria subitamente tomado consciência das possibilidades que o cristianismo nascente lhe ofereceu para o benefício e domínio moral de seu povo, e que ele teria pensado - num lampejo de genialidade, é preciso dizer -: "Fui míope em perseguir esta seita, em vez de fazer uso dela a todo custo! Eu fui estúpido em me concentrar nas formas, nos detalhes, em vez de ver a questão essencial: os interesses do povo de Israel, do povo escolhido, do nosso povo, de nós, judeus”.

Toda a carreira subsequente de Paulo é uma ilustração – uma prova, na medida em que que se possa pensar em "provar" factos desta natureza - desta engenhosa mudança de clero, desta vitória do judeu inteligente, um homem prático, um diplomata (e quando alguém diz "diplomático" em relação a assuntos religiosos, alguém quer dizer enganoso) em o judeu educado e ortodoxo, preocupado especialmente com problemas de pureza ritual. Em Com efeito, desde o dia da sua conversão, Paulo rendeu-se ao “Espírito” e vai aonde o “Espírito” sugere, ou melhor, ordena que ele vá, e pronuncia, em qualquer circunstância, as palavras que o “Espírito” o inspirou. Agora, para onde o “Espírito” “ordenou” que você fosse?

Para a Palestina, entre os judeus que ainda partilham os “erros” dos quais ele acaba de se retratar? publicamente e quem parece ser o primeiro a ter direito à sua nova revelação?

Nunca na vida! Ele toma cuidado para não fazer isso! É na Macedónia, bem como na Grécia e entre os gregos da Ásia Menor, entre os gálatas, e mais tarde entre os romanos - nos países arianos, ou pelo menos em países não-judeus - onde o neófito saiu para pregar os dogmas conceitos teológicos do pecado original e da salvação eterna através de Jesus crucificado, e o dogma moralidade da igualdade de todos os homens e de todos os povos; É em Atenas que ele proclama que Deus criou "todas as nações, todos os povos de um mesmo sangue" (Atos de Apóstolos, capítulo 17, versículo 26). A partir desta negação das diferenças naturais entre raças, os próprios judeus, é claro, não tinham interesse, mas do ponto de vista deles foi muito útil pregá-lo, impô-lo aos “Goyim”; destruir neles os valores nacionais que até então eles haviam formado sua força (ou melhor, apressaram sua destruição; pois, desde o século IV a.C., já

estavam desmoronando, sob a influência dos judeus "helenizado" de Alexandria). Não há dúvida de que Paulo também pregou “nas sinagogas”, isto é, para outros judeus, a quem apresentou a nova doutrina como resultado de profecias e expectativas messiânico; sem dúvida ele disse aos filhos do seu povo, bem como aos "tementes do Senhor" – um os meio-judeus, como Timóteo, e os bairros judeus que abundavam nos portos mares do Egeu (como em Roma) - que Cristo crucificado e ressuscitado, a quem anunciou, ele não era outro senão o Messias prometido. Dá um novo significado às profecias judaicas, bem como dá um novo significado aos mistérios atemporais da Grécia, do Egito, da Síria e da Ásia Menor: um significado que atribui um papel único, um lugar único, uma importância única às pessoas judias na religião dos não-judeus. Para ele, nada mais era do que um meio de garantir a domínio espiritual de seu povo no futuro. Seu gênio - não religioso, mas político – consiste em tê-lo compreendido.

Mas não é apenas em termos de doutrina que pode ser desconcertantemente flexível: - “Gregos com os gregos e judeus com os judeus”, como ele mesmo disse tem uma sensação de necessidade – e de impossibilidade – prática. Ele próprio é, embora inicialmente tão ortodoxo, o primeiro a se opor a qualquer imposição da Lei Judaica aos convertidos cristãos raças não-judias. Insiste - contra Pedro e o grupo menos conciliador do primeiro Cristãos de Jerusalém - na medida em que um cristão de origem não-judaica não precisa de circuncisão ou Regras judaicas sobre comida. Ele escreveu aos seus novos seguidores, metade judeus, metade Gregos, Romanos de procedência duvidosa, Levantinos de todos os portos do Mediterrâneo, a todo este mundo sem raça, do qual ele atuou como intermediário entre seu povo imutável na sua tradição e no vasto mundo a conquistar, que não existe para eles, qualquer distinção entre o que era “puro” e o que era “impuro”; que eles podiam comer o que quisessem (“tudo o que pode ser encontrado no mercado”). Ele sabia que sem essas concessões, o Cristianismo não poderia esperar conquistar o Ocidente, nem Israel poderia esperar conquistar o Ocidente, mundo através do Ocidente convertido.

Pedro, que não era de todo um judeu do “gueto” e que, portanto, ainda não era não familiarizado com as condições do mundo não-judaico, ele não via as coisas sob a mesma luz.

Perspectiva, pelo menos ainda. É por isso que devemos ver Paulo como o verdadeiro fundador do cristianismo histórico: o homem que tornou o ensino puramente espiritual do profeta Jesus a base de uma organização militante no Tempo cujo propósito era, em a consciência profunda do apóstolo, nada menos que o domínio do seu próprio povo sobre um mundo moralmente castrado e fisicamente bastardo, um mundo em que o amor mal-entendido por parte do "homem" leva diretamente à mistura indiscriminada de raças, à a supressão de todo orgulho nacional, numa palavra, à degeneração.

É hora dos gentios finalmente abrirem os olhos para esta realidade de dois mil anos; que eles entendam as notícias comoventes e que reajam de acordo.

Escrito em Méadi (perto do Cairo), em 18 de junho de 1957.

1 O boato de que o pai de Jesus era um legionário romano apelidado de Pantera foi relatado pelo filósofo o pagão Celso em sua polêmica anti-cristã Doutrina Verdadeira. Variações da história podem ser encontradas no Talmud Judeu.

2 Savitri pode estar se referindo a Ernst Haeckel, que menciona o Pantera em seu capítulo sobre "Ciência e Cristianismo" em seu livro O Enigma do Universo no Final do Século XIX, trad. Joseph McCabe (Nova York: Harper and Brothers, 1900), 328-9.

3 O relato dos pais de Maria, a quem ele se refere, aparece no Evangelho apócrifo de Tiago, e não no Novo Testamento.

4 Savitri pode estar se referindo a qualquer um dos seguintes volumes de John Allegro: The Sea Scrolls Dead (Harmondsworth, Inglaterra: Penguin, 1956), O mistério dos pergaminhos do Mar Morto revelado (Novo York: Gramercy, 1956), ou, se publicado no momento da composição do ensaio, The Sea Scrolls Os Mortos e as Origens do Cristianismo (Nova York: Crlterion, 1957). Em Peregrinação, Savitri refere-se a outro livro sobre o cristianismo primitivo escrito por Gerald Massey, The Historical Jesus and the Mythlcal Christ (Springfield: Star Publishing Company, sd). Veja Savitri Devi, Peregrinação (Calcutá: Savitri Devl Mukherji, 1958), 332.

5 Em The Lightning and the Sun (Calcutá: Savitri Devl Mukherji, 1958), Savitri faz uma distinção tripla entre os homens “acima do Tempo”, “no Tempo” e “contra o Tempo”. Os homens acima do Tempo são visionários e profetas que são guiados por verdades que transcendem o mundo atual. Eles são, portanto, impraticáveis horas de mudar o mundo de hoje. Os homens do tempo são inteiramente criaturas do mundo atual. Portanto, eles são mais capazes de sucesso mundano. Homens contra o tempo são orientados por verdades que transcendem o presente, mas são capazes de operar dentro do mundo para avançar o causa da verdade Savitri oferece ao Faraó Akhenaton como o paradigma do homem ao longo do Tempo, Genghis Khan como paradigma do homem no Tempo.

6 Por exemplo, a seita dos Monosofistas.